

Fórum Social Mundial

A reinvenção da democracia?¹

Cândido Grzybowski*

Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe de la red CLACSO
<http://www.clacso.org.ar/biblioteca> - biblioteca@clacso.edu.ar

* *Sociólogo,
Diretor-geral
do Instituto Brasileiro
de Análises Sociais
e Econômicas (IBASE)
e membro da Secretária
Internacional
do Fórum Social Mundial*

Desde a sua primeira edição em 2001, o Fórum Social Mundial (FSM) vem sendo um espaço privilegiado de mobilização e encontro da diversidade de movimentos sociais, organizações, suas redes, campanhas e coalizões que se opõem à globalização econômica e financeira dominante. A especificidade e força agregadora do FSM decorrem da sua capacidade de fazer com que tamanha heterogeneidade de atores sociais –em termos sociais, culturais e geográficos– acreditem em si mesmos e na possibilidade de transformar e reconstruir o mundo. Com a globalização dominante a maior parte da humanidade está sendo deixada de lado, como um excedente descartável. Com o FSM as pessoas mais simples redescobrem o seu valor fundamental como membros da comunidade humana e cidadãs construtoras de sociedades, das culturas, dos poderes, das economias. Sentir-se produzindo e reproduzindo a vida é a esperança que nasce no Fórum. Seu desafio maior é repolitizar a vida para que outro mundo seja possível diante da homogeneidade

concentradora de riquezas, socialmente excludente e ambientalmente destrutiva da globalização feita por e ao serviço das grandes corporações.

Meu olhar sobre o FSM decorre da minha própria inserção social e política em sua promoção. Nesse sentido, faço aqui um exercício engajado do livre pensar, um misto de testemunho e de reflexão estratégica sobre os possíveis rumos em que, como participantes diversos e plurais, podemos avançar com o FSM e seu impacto sobre as instituições multilaterais e os estados. Minha perspectiva não é partir do poder econômico e político constituído e sim do processo e das condições para que os cidadãos e as cidadãs do mundo estejam no centro, controlando o poder e os mercados globais.

O Fórum Social Mundial como canteiro de obras da cidadania mundial

Em sua origem, o FSM se constituiu no contrapé do Fórum Econômico Mundial, nos mesmos dias, exatamente para marcar os lados opostos gerados pela globalização dominante. Fóruns opostos no tempo e no lugar: um velho de mais de 30 anos, outro recém começando a irrupção na história; um numa luxuosa estação de esqui, em Davos, isolado pela polícia, o outro na planície de Porto Alegre, a cidade com história de participação popular na gestão pública. Mas não podemos iludir-nos, são opostos que exprimem o mundo globalizado de hoje. A globalização que combatemos nos transformou, pelo pior caminho possível, em uma comunidade humana planetária interdependente. Este é o ponto de partida: a transformação que a globalização produziu em nossas condições de vida no Planeta. Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer que não basta e até é impossível democratizar esta globalização, dar-lhe uma face mais humana e sustentável. A tarefa que se nos impõe é de refundação democrática de um mundo interdependente, de gente para gente, compartilhando bens comuns entre todos os povos, com todos os direitos humanos garantidos a todos os seres humanos, com igualdade no respeito à diversidade social e cultural.

Antes do FSM, já nos '80, com a crise da dívida e a ascensão de Margareth Thatcher e Ronald Reagan, mas especialmente durante os anos '90 do século XX, foram inúmeras as insurreições de movimentos sociais e organizações contra a avassaladora globalização neoliberal imposta ao mundo. O palco principal das manifestações foram as reuniões do G-7, as assembléias do Banco Mundial (BM) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) e as rodadas de negociação da Organização Mundial do Comércio (OMC). De forma espetacular, desenvolveram-se redes temáticas regionais e mundiais: dívida, agricultura, comércio, meio ambiente, cooperação, direitos humanos, educação, comunicação etc. Novos sujeitos foram se mundializando e se consolidando: os movimentos feministas, ambientalistas, dos povos indígenas, dos sem terra e camponeses, de trabalhadores

**“Com o FSM,
quebramos
a arrogância
dos pregadores
do neoliberalismo
e demonstramos
o quanto de
autoritarismo,
de militarização
e de guerra,
de exclusão
e intolerância,
de anti-humano
são portadores
os processos
globais, centrados
nos mercados
e na força política
e militar que
os sustenta”**

migrantes, dos sem teto, movimentos contra o *apartheid*, todos com um emergente dimensão planetária, tanto na sua própria identidade social e raio de atuação como na solidariedade que foram despertando. Mas não havia uma encruzilhada, um espaço de encontro do conjunto destas novas forças sociais e delas com os já mais históricos atores internacionalizados, como o movimento operário e sindical. A grande insurreição nas ruas de Seattle, em fins de 1999, foi um empurrão decisivo para a emergência de algo inteiramente novo.

A novidade do FSM é de criar o espaço para que a diversidade de atores se encontre, se reconheça, troque práticas, experiências e análises, se articule e crie novas redes, coalizões e campanhas. Enfim, o FSM surge como expressão de uma demanda contida da emergente cidadania planetária no sentido de pensar todos e todas juntos as possíveis ações de transformação da ordem global existente. Desde o seu nascedouro, o FSM se impôs o respeito à diversidade e ao pluralismo como condição de sua própria existência e de enfrentamento do pensamento único, homogêneo e redutor, da globalização neoliberal.

De minha perspectiva, ainda não criamos alternativas estruturantes em face da globalização dominante. Isto é uma tarefa coletiva de longa duração. Temos apenas 5 anos! Mas despertamos um poderoso movimento de idéias, que alimenta o sonho, a utopia, a esperança e faz a emergente cidadania do mundo agir. Além disto, com o FSM, quebramos a arrogância dos pregadores do neoliberalismo e demonstramos o quanto de autoritarismo, de militarização e de guerra, de exclusão e intolerância, de anti-humano são portadores os processos globais, centrados nos mercados e na força política e militar que os sustenta.

É uma nova cultura política que pode se desenvolver a partir do processo que o FSM despertou. A multiplicação de fóruns regionais, nacionais, locais e temáticos alimenta o movimento de idéias de que outros mundos são possíveis, lhe dá novas facetas e engrossa a adesão de

sujeitos sociais, os mais diversos social, cultural e geograficamente. Se isso ainda não se traduz numa nova institucionalidade política, certamente cria o terreno propício para um repensar da política e do espaço público, do poder local até o poder global e suas instituições. O FSM, como espaço aberto à diversidade e aceitando as divergências, engendra um novo modo de fazer política. Como força propulsora, difusa mas poderosa, que vai além dos que se encontram nos eventos do FSM, há que se reconhecer, de um lado, uma consciência da comum humanidade na diversidade que nos caracteriza como seres humanos. De outro, não dá para subestimar o poder mobilizador e transformador da consciência dos bens comuns fundamentais à vida no Planeta que temos, sejam os frágeis e finitos como são os bens naturais, a atmosfera, a biodiversidade, sejam as conquistas humanas como o saber, as línguas e a cultura em geral. Consciência aliada a um resgate da ação cidadã como prática central na transformação das situações e no desenvolvimento humano, democrático e sustentável. Ação que necessariamente se concretiza localmente, lá onde vivemos, mas que é impregnada de universalismo, busca ser planetária no seu sentido humano e alcance político.

Desafios e tarefas para que o FSM contribua e reforce a capacidade da emergente cidadania planetária no sentido de uma democratização radical do mundo

O FSM não é, em si mesmo, um movimento político, mas um espaço aberto para a reconquista da política em seu sentido mais pleno. Sua força reside nas múltiplas contradições que comporta, permitindo que elas se expressem em seu espaço como livre prática de busca de cada participante, cada organização e cada movimento, cada rede e cada campanha, da mais simples à mais complexa e extensa. O FSM pode fortalecer a cidadania que nele se encontra, dialoga e confronta em busca de alternativas à (des)ordem global vigente, sem, no entanto, se tornar, ele mesmo, uma organização que aponta a direção a seguir. Formação de alianças e de novas redes, decisões sobre campanhas as mais amplas e mobilizadoras possíveis, disputas de hegemonia, desencontros em meio a muitos encontros, tendo no centro o pensar as alternativas para o mundo global que temos, dão vida ao FSM. Enquanto ele conseguir ser espaço do diverso e da pluralidade, tendo por base os princípios e valores éticos compartilhados que nos dá a dupla consciência da humanidade e dos bens comuns a preservar para todos os seres do Planeta, o FSM vai continuar sendo uma das alavancas da cidadania mundial.

Isso não me impede de ver enormes desafios e tarefas que se colocam para todos e todas que participamos do FSM como espaço aberto. Inventamos o FSM num momento datado e situado neste começo do século XXI, em plena exacerbação da lógica do terror e da guerra, do acirramento do unilateralismo dos EUA, de crise e até falência da



© Sébastien Grenier

democracia representativa, com crescimento de uma enorme brecha entre as instituições políticas e as demandas da cidadania, de continuidade da concentração de riquezas, da exclusão social e da destruição da base da vida. O FSM é tensionado pelos desafios do aqui e agora, precisa criar condições para um pensamento novo e um acúmulo estratégico, que leve a emergente cidadania mundial a fortalecer a sua capacidade de ação política. O FSM precisa ser um espaço que contribua para imaginar o mundo, reinventar o método de ação e estimular a intervenção concreta nos processos de globalização em curso. É possível apontar algumas tarefas incontornáveis para responder aos desafios que temos pela frente. Não se trata de um plano de ação do FSM –simplesmente porque ele não tem e nem pode ter planos de ação como espaço aberto– mas é o que recolho como seu participante, como analista, ativista e dirigente do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE).

Imaginar o mundo

Trata-se de alimentar uma ousada busca dos projetos possíveis de outros mundos como alternativa. Um novo ideal, em suma. Aí vejo como uma primeira tarefa essencial a reflexão sobre a democracia como referência estratégica, com crítica ao modelo liberal e

às formulas institucionais atuais. Como trazer ao centro do embate e da construção democrática a idéia força da diversidade de sujeitos em sua igualdade e com as práticas mais libertárias possíveis? Como incorporar os princípios e valores éticos fundantes da democracia –a base da universalidade– como referência para todas as relações humanas: familiares, sociais, culturais, econômicas, técnicas, políticas, entre os povos, entre os estados? Incorporar o fundamento ético na visão estratégica da democracia representa uma mudança política e filosófica fundamental, que aponta para a possibilidade de uma nova cultura política da emergente cidadania planetária. Ele não abandona e nem desvaloriza o embate ideológico, vital para a política democrática, mas delimita o seu lugar e as suas referências comuns. Dele decorre, também, uma visão que pensa os direitos como relação, como qualidade das relações sociais, onde direitos para serem direitos e não privilégios devem ser de todos e todas e onde direitos comportam responsabilidades. Com base em tais princípios e valores, é possível pensar na universalidade da democracia como referência para outros mundos. Mas isso implica para o FSM, como tarefa de fortalecimento da cidadania mundial, ser um espaço que favoreça o diálogo entre culturas, entre sujeitos sociais diversos, entre visões e perspectivas diferentes e divergentes, diálogo como condição para que o possível seja imaginado, pensado e formulado como proposta.

Muitos outros desafios e tarefas surgem neste processo de imaginar o mundo. Precisamos superar o déficit conceitual, de teorização e de atribuição de significados com o qual enfrentamos a globalização dominante. Não podemos ficar enquadrados para pensar o mundo pelos conceitos que nos são impostos pela ideologia neoliberal e sua visão da globalização –ela mesma um conceito que esconde a lógica de dominação que a engendrou. Nem são mais suficientes os conceitos e teorias das escolas de pensamento e ação da esquerda superadas pela própria história. O caminho é radicalizar a crítica ao capitalismo e à globalização que ele alimenta, em todas as suas formas e processos.

“Precisamos superar o déficit conceitual, de teorização e de atribuição de significados com o qual enfrentamos a globalização dominante. Não podemos ficar enquadrados para pensar o mundo pelos conceitos que nos são impostos pela ideologia neoliberal e sua visão da globalização –ela mesma um conceito que esconde a lógica de dominação que a engendrou”

Precisamos reinventar o desenvolvimento como conceito e como modelo, libertando-o do produtivismo, do tecnicismo e consumismo que decorrem de sua estreita e praticamente exclusiva associação com crescimento econômico. Isso implica, também, uma revisão do paradigma científico e de sua falsa objetividade, negadora da vida com tudo de subjetivo que ela tem. Precisamos conseguir pensar e imaginar o futuro humano livre da idéia de progresso material no padrão industrial e de consumo dos atuais países desenvolvidos, porque insustentável ambientalmente e excludente socialmente. Imaginar outro mundo é resgatar o trabalho como criador de vida, de produção e reprodução da vida. E, ainda, relocalizar as economias para que tenham dimensão sustentável, segundo as possibilidades da base natural, e sejam humanas e justas socialmente, produtoras de bens e serviços para gente antes de serem para mercados. Isto implica em aceitar o desafio de pensar o lugar das relações mercantis e da regulação, mediadas pela negociação democrática.

Imaginar o mundo tendo como referente estratégico a democracia é dar-se a tarefa de pensar a ação e o espaço público em todas as esferas da vida. Sem dúvida, as instituições de poder e de estado precisam ser redefinidas para que as demandas e a participação cidadã sejam a força de legitimação e legalização de direitos e deveres. Isto do local ao global, segundo princípios de soberania e autonomia cidadã, de subsidiariedade e complementariedade de poderes, de multilateralismo e solidariedade entre povos.

Inventar o método

Um outro grande desafio para o FSM é contribuir para o desenvolvimento de um novo modo de fazer política. Com que método construir a cidadania ativa mundial? Como o respeito aos princípios e valores democráticos, valorizando a diversidade social e cultural e respeitando a pluralidade de visões e idéias, pode ser traduzido num método de ação? A partir do que já se pratica no FSM, parece fundamental que convergências e divergências tenham condições de se expressar no espaço do fórum. Ou seja, não se trata de buscar o mínimo denominador comum, redutor e excludente, mas de valorizar a diversidade de possibilidades, onde nenhuma possibilidade possa negar as outra e nem seja levada a se submeter à qualquer uma outra.

Um tal princípio metodológico para a prática política nova que se quer implementar recoloca o problema da articulação, das alianças e coalizões, da formação de blocos de forças, condição indispensável nas democracias. Como formar hegemonias na diversidade de sujeitos e forças, sem protagonismos? Respostas *a priori* não existem, precisam ser criadas. O ponto de partida é o reconhecimento da legitimidade e, até, da necessidade vital de conflitos e disputas para a democracia. As democracias se movem



© Sébastien Grenier

pela luta social, desde que sejam respeitados os princípios éticos fundantes pelas forças em confronto. Isso significa eleger metodologicamente a ação política, o pensamento da ação e para a ação. Significa, também, reconhecer e respeitar os outros sujeitos, com eles se pondo em ação, em diálogo, em troca.

Na prática, o FSM é desafiado a promover o mais radical diálogo entre movimentos sociais e organizações, num processo *intra* eles, superando barreiras culturais, geográficas e nacionais, e num processo *inter* diferentes movimentos e organizações, buscando as convergências e divergências. A questão metodológica e política aqui é da *tradução*, no sentido que lhe dá Boaventura de Sousa Santos. Vai na mesma direção a necessidade para o FSM de ser cada vez mais mundial, mais espaço da cidadania mundial, penetrando em todas as sociedades no Sul e no Norte, no Oeste e no Leste, atravessando tradições civilizatórias, religiões, filosofias e culturas as mais diversas. E um desafio ainda maior: tornar visíveis os hoje invisíveis social e politicamente para o mundo. Sem dúvida, muitas das questões aqui levantadas já tem soluções práticas, só que muito localizadas, fragmentadas, não sistematizadas. Permitir que isto venha à luz e se potencialize, tornando-se um modo de operar capaz de levar a cidadania a uma nova

cultura política é a tarefa essencial do FSM. Temos muito a aprender a este respeito. A experiência de construir um programa de trabalho a partir de baixo, de estimular o encontro, a articulação até a aglutinação está em curso no FSM, mas é uma árdua e paciente tarefa. Temos hoje mais dispersão e confusão do que diversidade construída naquilo que mostramos nos nossos eventos. Mas é o caminho.

Intervir concretamente

O FSM, em si mesmo, não tem capacidade de intervenção. Sua incidência política se faz através do que decidem seus e suas participantes. Porém, voltado a fortalecer a emergente cidadania planetária, pensando a ação e para a ação política, o FSM acaba sendo um espaço aberto para a constituição de novas redes e coalizões visando a formulação de campanhas, a promoção de mobilizações e demonstrações, a seleção de possíveis estratégias de influência no debate público, nas diferentes sociedades e espaços, nas conjunturas que se apresentam. Como espaço público aberto à cidadania mundial, o FSM é atravessado pela necessidade de agir aqui e agora sentida por quem dele participa. Vejo isto como um enorme desafio.

Os temas mais prementes para participantes do FSM, como os vejo de onde me situo, são:

- a necessidade de radicalizar a ruptura com e de se contrapor à ideologia e às visões da globalização neoliberal;
- o aprofundamento da análise da lógica de funcionamento e da estratégia das grandes corporações e do capital financeiro, com denúncia de suas violações de direitos e de destruição das condições de vida;
- a mercantilização de todas as relações sociais, a privatização de bens comuns e espaços públicos, a flexibilização de direitos conquistados, a desregulação e liberalização em nome do livre mercado;
- o poder, concentrado e obscuro, das organizações globais, especialmente das organizações financeiras e comerciais, longe do controle da cidadania e dos povos;
- a lógica do terror e da guerra, a crescente militarização e a ameaça à paz e soberania dos povos;
- o perigo do unilateralismo crescente e do imperialismo, a necessidade de reconstrução do multilateralismo e da governança mundial para a paz.

São todos temas cruciais em que de algum modo a cidadania mundial já está envolvida, precisando dar respostas. Muitos outros podem ser arrolados aqui. Ative-me àqueles que

mais diretamente se referem ao enfrentamento da globalização dominante. Todos estes temas já são debatidos no FSM. A tarefa urgente é pensá-los mais associados às ações e, ao mesmo tempo, sem que acabem marginalizando os outros grandes desafios que a emergente cidadania planetária tem pela frente.

O FSM 2006: o desafio da expansão e mundialização

Desde o começo, em 2001, a vocação mundial e universalista do FSM é posta à prova. Sua vitalidade depende de sempre estar colado às múltiplas realidades sociais e culturais, econômicas e ambientais dos povos do Planeta. A multiplicação de fóruns, nas cidades, nos países, nas regiões, a realização de fóruns temáticos, e o deslocamento do próprio evento principal, girando o mundo, atende a tal imperativo.

Em 2004, fomos para a Ásia, na Índia, na cidade de Mumbai. Agora, em 2006, estamos topando o desafio de realizar um FSM Policêntrico, articulando eventos em diferentes continentes: vamos a Caracas, na Venezuela, a Bamako, no Mali, e a Karachi, no Paquistão, além de uma conferência no Marrocos. Não serão, como imaginado, eventos simultâneos, mas muito próximos e, sobretudo, muito articulados entre si. São realidades bem diversas o que faz imaginar um FSM muito mais diverso do que até aqui fomos capazes de produzir. Em 2007, já está decidido, vamos todos para Nairobi, no Quênia.

O que significa este esforço de mundialização do próprio FSM? Sem dúvida, estamos construindo uma estratégia que nos fortaleça na diversidade do que é a emergente cidadania planetária. Estamos mostrando as múltiplas identidades de que somos portadores e, sobretudo, as inúmeras possibilidades na construção de “outros mundos”.

Para nós cidadãos e cidadãs da Venezuela, Brasil, da América Latina, do Caribe, da América do Norte, o FSM em Caracas representa um grande desafio e vem carregado de significado especial. Já fizemos um Fórum Regional em Quito, no Equador, em 2004. Agora, além de uma clara dimensão regional, o FSM em Caracas adquire um impacto mundial mais claro. Estamos realizando o fórum na Venezuela dos muitos contrastes e, devido às posições do governo Chávez, tem provocado um enorme debate em todo mundo, como uma das formas de oposição à globalização neoliberal e ao imperialismo dos EUA de Bush. Na América do Sul se situa o núcleo mais claro de uma crescente oposição ao neoliberalismo e a Venezuela tem tido um importante papel político nisto. É claro que nem todo/as participantes do FSM concordam com concepções e métodos do presidente Chávez. O FSM tem a sua autonomia como processo puxado por movimentos e entidades da sociedade civil, por suas redes, coalizões e alianças, regionais e mundiais. Mas isto não implica em se negar a enfrentar com análise e debate, numa troca bem



© Sébastien Grenier

aberta, as possibilidades e limites das lutas concretas, especialmente a todas aquelas que se alinham no combate ao neoliberalismo e sua globalização. O fato de um dos capítulos do FSM Policêntrico se realizar na Venezuela, neste momento, para além de todas as divergências que pode despertar, precisa ser visto como uma busca efetiva entre nós mesmos e uma demonstração de solidariedade a movimentos e organizações da sociedade venezuelana.

Mas tem mais. Indo a Caracas, assim como aos outros eventos do FSM Policêntrico, estamos nos expandindo, nos mundializando ainda mais, nos conhecendo melhor. Estamos dando um sinal para o mundo de que queremos sim integração, mas integração de povos, dos múltiplos povos, e não uma incorporação por conglomerados econômicos e financeiros globais, uma inclusão subordinada aos interesses dos EUA. Além disto, nos aproximamos do nosso Caribe, com a sua diversidade e vida e fortalecemos a nossa capacidade de resistência ao avanço neoliberal. É, sem dúvida, uma grande oportunidade para mais um salto no processo fórum. Tenho certeza que sairemos da Venezuela mais fortalecidos.

Como conclusão, cabe destacar a contribuição que o FSM pode dar para as sociedades civis dos países em que se realizou, especialmente em termos de favorecer a cultura democrática. As alternativas que gestarmos e os resultados que alcançarmos podem ser incertos, imprevisíveis, distantes, mas a cultura política que é alimentada pela FSM, o modo de buscar alternativas pode ser durável e radicalmente transformador, porque regido por valores e princípios éticos democráticos. O FSM não pode ser avaliado por possíveis propostas que dele emergirem, mas sim pelo modo de atuar e de se fortalecer a própria cidadania construtora de alternativas para o mundo. Este é o sentido primeiro e fundamental de nossa expansão e mundialização.

Nota

1 Ao respeito veja Boaventura de Sousa Santos 2005 *O Forum Social Mundial: Manual de uso* (São Paulo: Cortez) 118-134.